

Aspecto

DA

ARTE BRAZILEIRA COLONIAL

A' ACADEMIA CEARENSE HOMENAGEM DE GRATIDÃO E APREÇO

Ao mesmo tempo que proscrevia a metropole a abertura de typographias, a creação de associações litterarias e scientificas, o estabelecimento de livrarias, obstava tambem todo o progresso nas artes e nas industrias.

Tinha ciumes e receiava que com esse desenvolvimento, o Brazil estivesse se preparando para a sua emancipação politica.

E, na verdade tinha razão.

A poesia e a arte commeçaram a quebrar o jugo colonial; inspiradas pelo patriotismo lançaram no espirito publico os germens da nossa futura regeneração.

A inspiração artistica andou mais apressada que o plano dos politicos; sonhavam talvez os filhos da arte com a independencia do ninho patrio antes dos acontecimentos politicos haverem demonstrado a resolução d'esse importante problema. (1)

---

(1) Dr. Moreira de Azevedo. Valentim da Fonseca e Silva. Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 1869. Pag. 205 2.ª parte.

As sublimes melodias de Mozart, de Bellini e de Beethoven são tão bem ouvidas como admirados os celebres quadros de Rubens, a Transfiguração de Raphael, as Madonas de Corregio e o Cenaculo de Leonardo de Vinci; deleita tanto lêr-se o poema de Camões, como contemplar-se a Adultera de Bernardelli ou a Venus de Milo. A poesia, a musica, a pintura e a estatuaria estão intimamente ligadas; ao lado da historia e acompanhando os seculos, fallam ás gerações que se succedem a linguagem da rima, do som, da côr e da linha, que, sob o ponto de transmissão de pensamentos, faz da humanidade uma só familia.

Se durante os tres seculos, de que nos occupamos, o Brazil dispoz de homens notaveis nas lettras e no pulpito, tão eminentes como os mais eminentes da culta Europa, tambem os teve nas artes com igual merecimento.

Ne sutor ultra crepidam. Medico e não artista, certamente não vimos fazer a critica das artes da nossa querida patria.

Simples narrador, exporemos apenas succintamente o que houve n'esse sentido nos tempos coloniaes do Brazil, fazendo, outrosim, apenas ligeiras apreciações.

Quem estudar o movimento artistico colonial do Brazil, terá forçosamente necessidade de visitar os monumentos dos Jesuítas e das ordens religiosas, porque, como na instrucção publica e na litteratura, foram esses padres quasi que os unicos que as cultivaram e ensinaram, como bem diz Pedro Fabro: «Logo que o christianismo rompeo, na exuberancia da Fé, no seio maternal das Catacumbas, a Arte assumio um imprevisto e novo aspecto. A Egreja tornou se para ella a grande restauradora e inspiradora liberal.

Provoca a manifestação do genio e auxilia na manifestação da sua obra.

O novo e velho testamento, onde os primeiros christãos. na Roma subterranea, copiavam aquellas expressivas pinturas, admiraveis de tocante singeleza, que lá se contemplam como ainda exhausta a senha perseguidora, insuflam o halito de Deus ás Virgens de Murillo, ás Ma-

donas de Raphael, ao juizo Final de Buonaroti, como anteriormente á Divina Comedia de Dante.» (1)

Os Jesuitas que exerceram, cultivaram e professaram as artes liberaes ou mechanicas, com grande proficiencia, aproveitando-se da grande aptidão e talento verdadeiramente artistico dos indios, diz o P. Charlevoix, na sua *Historia do Paraguay*, lhes ensinaram as artes de dourador, pintor, esculptor, ourives, relojoeiro, serralheiro, carpinteiro, marceneiro, tecelão e fundidor, e tão habilissimos se revelaram que edificaram as suas egrejas, á vista dos riscos e plantas que se lhes apresentavam, não sendo ellas inferiores aos mais formosos templos da Hespanha e do Perú, pela belleza, construcção, riqueza e bom gosto das pratas e ornatos.

Tão habeis se mostravam para as artes os indios, diz o P. João Daniel no seu *Thesouro do Pará*, que bastava dar-lhes a materia prima de que esses objectos erão feitos, e um simples modelo, para que elles fizessem outro de tal modo semelhante, que difficil seria distinguir a sua obra do modelo que lhes fôra apresentado.

Guiados pelos jesuitas foram os indios os constructores dos bellissimos templos das Missões do Paraguay, e das magnificas estatuas encerradas n'esses templos.

Segundo o Snr. Monglave, estes artistas erão negros, escravos dos jesuitas, que os mandavam instruir na Italia; entretanto, o Snr. dezembargador R. de S. da Silva Pontes em um programma desenvolvido na sessão de 17 de Março de 1842 do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, considera terem sido artistas os proprios indios.

—Onde aprenderam e quem foram os artistas que fizeram levantar os templos dos jesuitas em Missões, e fabricaram as estatuas que alli se acharam collocadas? Revista Trimensal de Historia e Geographia. Tomo 4.° 1842, pag. 65.

Cultivaram sempre os indios as artes com muito gosto. N'esse sentido refere o Snr. Dr. Oliveira Lima:

---

(1) Pedro Fabro. O symbolo e a arte na Egreja Catholica. Revista Catholica 15 de Fevereiro 1898.

«No terreno da arte legou-nos este segundo factor do producto nacional as variegadas ornamentações de plumas e alguns interessantes exemplares ceramicos como os vasos e pratos da ilha de Marajó, cujos caracteres figurativos e symbolos impressos accusam, segundo foi observado, notavel parecença com os hieroglyphos egypcios, mexicanos, chinezes e indianos, e que para alguem pode por ventura, e para outros seguramente explicar-se pela base commum de civilisação amarella, que senão como traço principal pelo menos como feição subsidiaria encontra-se, ou pretende-se encontrar n'aquelles differentes centros de cultura.

Os objectos ceramicos americanos são singularmente analogos aos dos povos orientaes, pela capacidade e modelo, alem dos ornatos. Distinguem-se sobretudo pelo bem copiado da figura humana, chegando alguns dos seos desenhos a constituir verdadeiros retratos de uma extraordinaria semelhança. Dá-se o mesmo com as estatuas egypcias que, não trahindo a belleza ideal das esculpturas gregas, salientam-se pelo realismo da sua execução.

Para alguns archeologos, entre outros o distincto escriptor francez, M. de Nadaillac, a semelhança de capacidade, modelo e ornatos entre os vasos americanos e os do antigo continente, não basta para sobre ella assentar-se com verosimilhança a communicação entre os habitantes do velho e novo mundo. Se aquelles trabalhos ceramicos apresentam analogia, será sobretudo porque, sendo os antigos habitantes dos dous hemispherios identicos pela estructura ossea e pela intelligencia, deviam consequentemente elaborar os mesmos desejos, eguaes pensamentos e analogas concepções; conhecer as mesmas necessidades da vida e empregar os mesmos meios de satisfazel-as.» (1)

Os exemplares ceramicos de Marajó, continua a considerar o auctor do—Pernambuco e seu desenvolvimento historico—são semelhantes pela composição e factura aos

(1) Dr. Oliveira Lima. Aspectos da litteratura colonial brazileira pag. 466.

encontrados nos *mounds* da America do Norte, e pela sua decoração distinguem-se da grega e da romana por não usarem os artistas de figuras lascivas. Approximam-se da oriental pela fiel representação da realidade physica, especialmente do rosto humano, notando-se ainda que a maneira e expressão das estatuas egypcias e hindús, em suas exhibições budhicas, alem de pormenores de vestuario e outros, encontram-se em documentos não só antigos como dos mais modernos do novo mundo, como os de Palemque no Chiapo.

O sabio Augusto de Saint Hilaire referindo-se a habilidade dos indios para as artes diz: «Les églises des villages, construites et peintes par eux, montrent ce dont ils peuvent devenir capables et j'ai encore une prouve de leur habilité, j'ai vu dans la chapelle de S. João le *Gloria* et le *Credo*, écrits avec tant de perfection que ce n'est qu'en regardant de très près que je me suis convaincu qu'ils n'étaient pas imprimés. C'est l'ouvrage d'un vieil indien qui rempli dans le village les fonctions d'écrivain & l'un de titres des anciens cabildes, et qui parait très bien seconder l'administaation.»

«On voit encore dans la même chapelle quelques images de saints sculptés par le cordonnier du village qui ne se sert d'autre outil que d'un couteau, ce ne sont pas des chefs d'œuvre sans doute. mais il faut songer que cet homme n'à rien appris et qu'il n'a vu que quelques modèles imparfaits.» (1)

Cultivavam os indios uma arte especial, a arte da ornamentação de pennas.

Era de tal modo numerosa a variedade de passaros de plumagem que os indios achavam uma immensa quantidade de pennas para fazer ornamentos de todas as qualidades. Ainda hoje são apreciados os bellissimos trabalhos de pennas de vestuarios e de instrumentos de mu-

---

(1) Auguste de Saint Hilaire. Voyage a Rio Grande do Sul pag. 406.

sica e de guerra, e utensilios domesticos preparados pelos aborigenes do Brazil. (1)

Os primeiros colonos portuguezes, á imitação dos selvagens, construiram as suas habitações, de caracter quasi militar, verdadeiras trincheiras cercadas de fossos destinadas a os abrigarem dos attaques dos indios.

Com o augmento da povoação as construcções foram se transformando, tornando-se mais commodas e elegantes.

A habilidade dos selvagens casa bem com a sua imprevidencia, elles não sabem tirar partido para seus interesses; é uma especie de instincto que os excita, como o da formiga, o da abelha.

Demos a palavra ao saudoso e illustre Alagoano o Snr. dr. A. J. de Mello Moraes, para que o encanto do seu estylo venha amenisar a aridez da nossa linguagem.

O Snr. dr. Mello Moraes, apreciando as artes nos tempos coloniaes do Brazil, diz: Nos tempos coloniaes tinhamos artistas, que abasteciam e satisfaziam com os seus trabalhos as necessidades publicas; e hoje as proprias ruas que conservam os nomes das artes que n'ellas se trabalharam, para revelar á posteridade o progresso d'ellas entre nós, apagaram-se para se perpetuar a memoria de individuos, que pouco ou nada fizeram em proveito do paiz.» (2)

E, continuando o erudito auctor do Brazil Historico, refere: «Na Bahia, Pernambuco, no Rio de Janeiro e em Minas Geraes, os artistas ourives primavam em artefactos de ouro e prata, e na fabricação de caixas para rapé; e ainda hoje em Pernambuco as fabricas de cascas de tartaruga são procuradas por brazileiros e mesmo por estrangeiros, com preferencia ás que nos mandam de Europa.

As pedras preciosas, desde o diamante até o grisolito, e mesmo o granito estão lapidadas e trabalhadas pelos nossos artistas, e ainda vi na Bahia em 1839 uma pedra, sobre a qual o artista estendia o ouro e a prata

---

(1) Dr. Eduardo da Silva Prado. L'Art. Le Brésil en 1889 pag. 519.

(2) Dr. A. J. de Mello Moraes. O Brasil Social e Politico, pag. 54.

para o reduzir a laminas conhecidas por pão de ouro e de prata, com que se douravam os templos e os objectos de luxo; hoje vem tudo de fóra e falsificado!» (1)

Tivemos tão abalisados mestres em musica, diz o illustrado auctor do Brazil Reino, que o celebre Marcos Antonio Portugal ficou sorprehendido em presença dos nossos insignes padre José Mauricio Nunes Garcia e do baixo profundo João dos Reis.

Tinhamos os não menos celebres Manoel Rodrigues da Silva, Salvador José, José do Carmo, Manoel Joaquim e Francisco Manso.

Em quasi todo o Brazil a musica era estudada com gosto e proficiencia, sendo a das modinhas de um caracter puramento brazileiro.

Na Bahia foram celebres Damião Barboza e Mussururige; e nas Alagoas José e Prudente de Bomfim e Antonio de Souza.

Todos os escriptores do seculo XVI referem a predilecção dos selvagens pela musica e especialmente pelo canto. Eram em geral os aborigenes grandes musicos e amigos de bailar, principalmente os tamoyos do Rio de Janeiro, que erão grandes compositores de cantigas de improviso.

Egual predilecção demonstravam tambem os Tupinambás, que bailavam todos n'um rythmo uniforme, monotono, durante vinte e quatro horas consecutivas, por occasião de embriagarem-se com os vinhos que fabricavam, e quando immolavam, a meio de crueis ceremonias, os prisioneiros feitos na guerra. (2)

Gabriel Soares no seu *Roteiro do Brazil* declara tambem que: «os tupinambás se presam de grandes musicos; e ao seu modo, cantam com soffrivel tom, os quaes teêm bôas vozes, mas todos cantam por um tom, e os musicos fazem motes de improviso, e suas voltas que acabam no consoante mote, os quaes cantam e bailam juntamente

---

(1) Dr. A. J. de Mello Moraes. Loco cito.

(2) Dr. Oliveira Lima. Aspectos da litteratura colonial brazileira.

em uma roda, em a qual um tange um tamboril em que não dobra as pancadas, outros trazem um maracá na mão, que é um cabaço com umas pedrinhas dentro, com seu cabo, por onde pegam; e nos seus bailes não fazem mais mudanças, nem mais continencias que bater no chão com um só pé ao som do tamboril, e assim andam todos juntos á roda, e entram pelas casas uns dos outros». (1)

Fernão Cardim confirmando o que expõe Gabriel Soares, diz: «Erão entre os selvagens tão estimados os cantares de ambos os sexos que, se por acaso tomavam nas ciladas um contrario «bom cantor e inventor de trovas» segundo appellida o auctor as cantigas de ausencia, repentes em que celebravam se tanto os trabalhos padecidos no caminho pelo hospede chegado, como as saudades experimentadas pelos que tinham ficado, poupavam-lhe a vida, calando o seu imperioso appetite de anthropophagos.» (2)

....

A primeira escola de pintura do Rio de Janeiro teve o seu berço em 1695 no convento de S. Bento. O benedictino allemão Fr. Ricardo do Pilar, qual outro Fra Giovanni de Fiesole, decorador da capella de Ovieto, como este foi o fundador da pintura no Rio de Janeiro e o decorador do convento de S. Bento d'esta cidade. Pintou diversos paineis existentes em differentes templos do Rio de Janeiro, especialmente os quadros do tecto e as paredes lateraes da capella mór da egreja de S. Bento, representando os principaes factos da vida d'este Santo.

Dotado de um temperamento verdadeiramente artistico, esses quadros são pintados com muita expressão e naturalidade.

De desenhos firmes e correctos, de muita felicidade no colorido, esses quadros apresentam ainda um tom harmonioso e bello, de agradavel impressão.

Não menos notavel é a imagem do Salvador collocada no altar da sacristia d'aquelle convento. Segundo o

(1) Gabriel Soares. Roteiro do Brazil.

(2) Fernão Cardim Narrativa epistolar de uma viagem feita ao Brazil.

eminente artista brazileiro o Sr. Porto Alegre, « aquella imagem produz em nossa alma a mais elevada inspiração religiosa, ha n'ella uma magia incomprehensivel de expressão e harmonia.» (1)

N'essa imagem ha primor de sentimento, expansão na figura e severo respeito da perspectiva linear e aerea.

Foi seu discipulo José de Oliveira que foi o verdadeiro chefe da antiga Escola Fluminense de Pintura.

D'elle se admira a decoração da casa d'armas da Fortaleza da Conceição, a pintura da sala de audiencia d'este paço, o tecto da capella mór da egreja dos Carmelitas representando a Virgem do Monte Carmello, que está infelizmente estragada, não existindo mais vestigios do pincel d'este celebre artista.

E' digna tambem de nota a pintura do tecto do palacio do conde do Bobadella, representando o genio d'America.

Finalmente são obras d'este engenhoso artista a pintura do tecto da egreja de S. Francisco da Penitencia e a abobada da capella imperial, hoje cathedral, restaurada pelo artista Raymundo Costa. Ha nos seus trabalhos uma certa correcção irreprehensivel de desenho, sinceridade e vigor no colorido, e uma conclusão admiravel dos detalhes, sem ter caido no amaneirado e pretencioso.

As suas pinturas attrahem logo a attenção pela bem combinada harmonia e unidade de effeito e de luz.

João Francisco Muzzi, de origem italiana, foi um scenographista notavel, pintou as scenographias do theatro Manoel Luiz.

João de Souza, o quarto representante da Escola Fluminense de Pintura, foi o fundador da classe dos coloristas. No claustro dos Carmelitas pintou grande numero de quadros.

Tambem d'elle se admira o retrato a oleo do general Silva Paes, existente na egreja da Candelaria.

---

(1) M. de Araujo Porto Alegre. Memoria sobre a antiga Escola de Pintura Fluminense. Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 1841. Pag. 33.

E' bem difficil tirar-se um retrato a oleo, e a principal difficuldade consiste no expectador não confundir o retrato com um outro.

O retrato do general Silva Paes parece ser original e de uma graça especial.

Seu discipulo, o quinto representante da referida Escola, Manoel da Cunha, escravo de meus antepassados, depois de liberto partio para Lisboa, onde foi se aperfeiçoar na sua arte. Dotado de um robusto talento, de uma avidez de tudo saber e de uma actividade invejavel, conseguio com o seu genio trabalhador tornar-se um distincto artista e legar á sua patria um nome honroso.

Voltando de Lisboa foi aperfeiçoar se com João de Souza, com quem pintou todos os paineis das paredes da egreja dos Carmelitas. Activo e laborioso deixou muitos trabalhos notaveis entre os quaes o retrato do conde da Bobadella pertencente á Prefeitura Municipal da Capital Federal.

E' a melhor de suas obras. Collocado o conde no meio da tela em pé, trajado á sua epocha, tem o olhar dominante, a cabelleira basta e abundante, descendo em anneis sobre as espaduas. Estende o braço direito segurando um rôlo de papeis, como n'um gesto mandatario; no fundo do quadro, aberto em dous planos, percebe-se um canto da Bahia do Rio de Janeiro, com as náos que, de içadas velas, vão se demandando mar largo. E' no momento em que elle executa as ordens de Pombal, expulsando os jesuitas em 1759. (1)

O painel do tecto da capellinha do Senhor dos Passos, da antiga capella imperial, representando o descimento da Cruz do Salvador, é outro primoroso trabalho d'aquelle afamado pintor.

O Santo André Avelino da egreja de S. Sebastião do Castello, alguns quadros do mosteiro de S. Bento, diversos retratos de bemfeitores e differentes paineis com-

---

(1) L.ᵈ Gonzaga Duque Estrada. A Arte Brazileira. Pintura e Esculptura. Pag. 38.

memorativos da Paixão, pertencentes á Santa Casa da Misericordia, são outras tantas preciosidades suas. (1)

Mencionaremos ainda o dourado da capella do noviciado da ordem Terceira de S. Francisco de Paula, consagrada á Senhora da Victoria e os paineis d'essa capella, representando o orago da capella e os milagres de S. Francisco.

Foi tambem o esculptor da imagem de Nossa Senhora do Amparo, de um dos altares da egreja de S. José.

Este eximio artista, gloria de minha respeitavel familia, estabeleceo uma escola de pintura, frequentada a principio por doze alumnos, e depois por seis, que como seu mestre muito se distinguiram.

Não se revelou somente Manoel da Cunha um artista de talento, mas sim tambem um pintor attrahente e encantador. Dotado de uma grande actividade, tanto se celebrisou no sagrado como no profano; todas as suas composições são pintadas com arte, tendo evitado sempre a exageração e a banalidade.

De uma execução fina e delicada, nas suas pinturas não se observam nem o emprego de empastamento, nem a monotonia do amaneirado. Applicando tintas vivas e agradaveis, distribue a luz de modo a prender a attenção no ponto principal da tela.

Leandro Joaquim, pardo, de estatura baixa e gordo, contemporaneo e companheiro de trabalho de Manoel da Cunha, foi pintor e architecto afamado. Apresentou um projecto para a reedificação do Recolhimento do Parto, e pintou dous paineis que commemoram o incendio e a reconstrucção d'aquelle Recolhimento; pintou ainda um bello retrato do vice rei Luiz de Vasconcellos, existente na capella d'aquella egreja.

Este retrato é muito expressivo, combina exactamente com o seu caracter resistente, constante e epigramma-

---

(1) Dr. Moreira de Azevedo. Biographia de Manoel da Cunha. Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 1870. Pag. 206. 2.ª parte.

tico. (1) Com a farda vermelho e ouro, pescoço curto, labios finos e direitos, cabello puxado á nuca, olhos azues espertos, tal foi a physionomia d'aquelle magnanimo vice rei, perfeitamente reproduzida no estylo simples e corrente, despido do amaneirado e desenhado com harmonia e expressão.

Raymundo da Costa e Silva, pardo, de estatura elevada e corpulento, foi tambem um pintor e esculptor notavel da sua epocha.

Depois de ter aprendido com seu pae a esculptura, estreou nos dous presepes do Livramento e Santa Thereza. Executou uma cabeça de S. João Baptista e decorou uma vidraça da capella do Sacramento, onde tambem armava presepes.

Como pintor, pintou o S. Sebastião da egreja do Castello, a Cêa da Capella Imperial, a Conceição da egreja do Hospicio, o Baptismo de Christo da egreja do Sacramento, alem de retratos particulares.

A Cêa da Capella Imperial é uma brilhante execução artistica. A physionomia expressiva das figuras e a anatomia das formas tornam esplendido este trabalho.

Distinguio-se Raymundo da Costa como insigne colorista, tendo sido um dos fundadores d'esta escola no Brazil.

De par com a pintura e esculptura, tambem cultivou a arte de entalhador, em que foi famoso. O S. Sebastião da egreja do Castello, a Cêa do altar mór da Sé, a Conceição da egreja do Hospicio e muitos retratos, são composições que muito o recommendarão.

Bello colorista, dedicou-se ás duas escolas, sagrada e profana, revelando-se n'ellas profundo pensador e pintor religioso admiravel.

Foram dos ultimos representantes da Escola de Pintura Fluminense: Antonio Alves, que esboçou o retrato de El Rei D. João VI, pertencente á Academia das bellas artes, e Francisco Pedro do Amaral, discipulo de Manoel da Cunha e do artista francez Debret que decorou o

(1) L. Gonzaga Duque Estrada. A Arte Brazileira Pintura e Esculptura.

tecto da sala principal da bibliotheca Nacional, o palacete da marqueza de Santos, algumas salas da Quinta da Boa Vista e o tecto do Paço da cidade.

João Leandro foi o pintor historico mais notavel d'essa epocha. Activo e dotado de um dom particular em seus retratos, nos legou uma immensidade de trabalhos. A decoração do tecto da varanda da acclamação de El Rei D. João VI, o tecto do altar mór da capella imperial etc, são trabalhos muito apreciados d'esse conspicuo artista.

Mas, d'entre as suas primorosas 8 composições, é digno especialmente de nota o magnifico painel a *Virgem de Monte Carmello.*

Representando a familia do principe regente em adoração aos pés da Virgem; medindo 32 palmos de comprimento e 16 de largura, na parte inferior figuram os retratos em corpo inteiro da rainha D. Maria I, conduzindo pela mão o principe D. Pedro, e os de D. João VI e da rainha D. Carlota.

A parte superior representa a senhora do Carmo, cercada de anjos, um dos quaes segura uma palma e outro um escudo, com a legenda: *Sub tuum presidium confugimus.* Outros anjos guardam a familia real, um d'elles sustenta uma esphera com a inscripção—*Nostras deprecationes ne despicias.*

A odienta politica veio profanar uma das mais bellas reliquias da Escola de Pintura Fluminense. Desappareceram as figuras de D. Maria I, do principe D. Pedro e de Carlota, sob as camadas de tintas sacrilegas informes. Este attentado artistico, porem, foi reparado em 1850. O distincto scenographo João Caetano Ribeiro, por meio de agentes chimicos, conseguio fazer desapparecer as camadas de betume e surgirem as figuras da familia real.

Esta tela pertence á antiga capella imperial.

Conhecedor da arte, José Leandro soube se aproveitar de todas as suas qualidades estheticas.

A correcta disposição, em que com habilidade colloca todos os elementos que figuram no seu precioso quadro, a execução cuidadosamente acabada, não a la minut, e a imaginação de um gosto aprimorado, denotam ter sido

este artista um homem de genio e de grandes conhecimentos artisticos.

Os assumptos de todas as suas composições revelam grande erudição nas historias sagrada e profana. Cuidadoso até as ultimas minudencias, não pertence á escola do *fapresto*, do trabalhar depressa.

Os seus acabamentos são muito regulares e correctos, manifestando uma harmonia e uniformidade de plano admiraveis.

Qual outro Corregio, bem poderia esclamar: *Anch'io sono pittore.*

Manoel Dias de Oliveira Braziliense, denominado o *Romano*, por ter estudado em Roma, escravo, como em geral foram escravos todos aquelles que n'aquella epocha se dedicaram ás artes, foi o fundador da aula de desenho, tendo sido o primeiro professor publico d'aquella arte, e o primeiro que estabeleceo a escola do nú no Brazil.

Tendo estudado pintura na Casa Pia de Lisboa, matriculou-se depoís na Academia de Castella, e mais tarde foi completar os seus estudos artisticos em Roma, tendo por mestre Pompeo Baltoni, da Academia de S. Lucas.

Voltando ao Rio de Janeiro foi nomeado professor regio de pintura, abrindo aulas de pintura e desenho em uma casa em frente da egreja do Hospicio. (1)

Excellente pintor de genero, os seus fructos e flores foram muito apreciados, do mesmo modo que os seus trabalhos decorativos, em que foi muito habil.

Na Casa da Moeda se admira uma senhora Sant'Anna, restaurada ha vinte annos, e na Academia das Bellas Artes um Senhor da Candelaria, ambas producções suas. Na decoração, exhibio-se nos trabalhos decorativos para a recepção do principe regente D. João.

Zeuxis, o celebre rival de Parrhasius, pintou um cacho de uvas tão perfeito, que os passaros vieram debical-o, illudidos pela frescura, côr e forma dos preciosos bagos.

Dir-se-hia que assim poderia acontecer com os fructos pintados por Manoel Dias de Oliveira Braziliense.

---

(1) L. Gonzaga Duque Estrada. Loco cito.

Segundo o Snr. L. Gonzaga Duque Estrada, o seu desenho se bem que não tenha grande elegancia e correcção, em compensação é muito feliz no colorido, que é vibrante e claro.

Velho e cançado foi fallecer na cidade de Campos, como professor de primeiras lettras em 1831.

Francisco Solano, da ordem de Santo Antonio, foi um monge de grande habilidade, que no seu convento executou espaldares e quadros de santos, ainda hoje admirados. (1)

Illustrou ainda os trabalhos botanicos do sabio naturalista Conceição Velloso, e foi auctor de um primoroso painel: S. Carlos offerecendo o seu poema á Virgem da Assumpção, e de outros não menos bellos: Santa Ismenia e o Senhor da Paciencia.

Dedicou-se á pintura decorativa, tornando-se afamadas as suas imitações de tecidos, de bordaduras e de porcellanas. Decorou o convento da cidade de S. Paulo e o tecto da sachristia do convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, uma das suas melhores producções.

De um colorido vigoroso, a luz é bem destribuida, illuminando serenamente a scena e dando relevos de uma classica imponencia a certos grupos.

Em um dos cantos se destacam duas cabeças louras de anjos, pintadas com a graça dos grandes mestres da Renascença. Um grupo de nuvens e de anjos accompanha as linhas circulares da decoração, produzindo um effeito encantador.

No conjuncto dos artistas da Escola Fluminense de Pintura, durante o periodo colonial do Brazil, diz o Snr. L. Gonzaga Duque Estrada, transparece uma nota caracteristica—*espontaneidade*.— Seus trabalhos, inspirados pela maior parte na religião christã, são feitos em comunidade de vista, singular semelhança no desenho e sentimento de côr.

Com o fallecimento de José Leandro desappareceo o ultimo representante da antiga Escola Fluminense de Pin-

(1) Dr. Joaquim Manoel Macedo. Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro.

tura, e começou a figurar a colonia dos artistas francezes, que chegou ao Rio de Janeiro em 1816, para fundar a Academia das Bellas Artes em 1826. Antes porem da abertura d'aquella Academia, João Baptista Debret, discipulo do celebre Luiz David, pintor historico e vulto eminente n'aquella colonia, já tinha começado a leccionar a um pequeno numero de alumnos em um predio particular.

D'entre as suas composições devemos mencionar: A sagração do Imperador D. Pedro, o desembarque da Imperatriz D. Leopoldina e o retrato de D. João VI.

A Sagração do Imperador é um dos seus melhores trabalhos. De uma côr harmonica admiravel, de um effeito feliz no claro escuro, o seu aspecto geral é bastante agradavel.

O desembarque da imperatriz D. Leopoldina é melhor do que o da sagração.

A scena passa-se no arsenal de Marinha. A. Imperatriz acaba de desembarcar, D. Pedro vem recebel-a. E de costas para frente do quadro traja um vestido de seda branca, manto lilaz e ouro, diadema com plumas brancas.

O perfil do rosto é emoldurado por um grande brinco de pingente. O principe de perfil, fardado de calções e sapatos rasos, toma-lhe a mão e parece dizer-lhe algumas palavras; a rainha D. Carlota Joaquina, em frente de ambos, no segundo plano, vestida de encarnado e ouro, diadema de plumas vermelhas, e manto azul debuçado no braço direito, cuja mão está apoiada á cintura.

Ao fundo D. João vae entrar no coche, porém uma turba de aulicos vêm beijar-lhe a mão, e elle, já aborrecido, volve a cabeça olhando para o meio do quadro. Uma ala de cortezãos, á direita as damas de honra, á esquerda os altos dignatarios, formam o cortejo.

Ao fundo estão os coches imperiaes e o morro de S. Bento, onde um formigueiro de chapéos de sol encarnados parece agitar-se.

Predomina n'esse quadro a côr encarnada. A luz é distribuida com tal habilidade, que a côr predominante harmonisa-se perfeitamente com as suas proprias gradações.

E' admiravel a perfeição do movimento das peque-

nas figuras, bem como de grande expressão a attitude de D. João VI, a pose de D. Carlota Joaquina, as posições de tres marinheiros da galeota, e sobretudo a naturalidade de um sargento mór, que á direita agarra-se á columna da galeria.

Muito bem acabado e executado é este primoroso trabalho; pouco se preocupando o eminente artista das ligeiresas, para attender somente ao bello acabamento, certamente que não é nenhum pintor *à la minut.* As suas lindas e apropriadas côres, necessariamente na moderna eschola, não deverão ser denominadas cruas.

O retrato de D. João VI se bem que fôsse executodo magistralmente por Debret, comtudo é inferior ao de Leandro Joaquim. O trabalho d'este artista, apezar de alguns senões, tem mais naturalidade.

Soube reproduzir em tela a propria physionomia, o seu verdadeiro typo. D. João está de pé no meio do quadro sobre o estrado do throno, o manto encarnado com as armas do Reino bordadas a ouro, forrado de seda branca, cahe de seus hombros n'uma opulencia de curvas e debruça-se no chão garbosamente.

Tem o braço esquerdo curvado, a mão descançada nos copos do espadim; e o direito estendido segurando o pequeno sceptro em cuja extremidade está um globo ôco. Este posta assentado sobre a meza da corôa toda forrada de velludo vermelho escuro, franjado de ouro. (1)

Durante a fundação da Academia das Bellas Artes em 1816, figurou como distincto esculptor Augusto Taunay, auctor das estatuas em gesso e baixo relevo que ornavam o frontespicio da Academia das Bellas Artes.

O sympathico e popular Valentim da Fonseca e Silva, conhecido por *mestre Valentim*, foi um dos esculptores de grande facilidade, primeiro esculptor brazileiro, segundo o Sr. M. de Araujo Porto Alegre. Dotado de grande vivacidade e intelligencia não vulgar, foi levado por seu pae para Portugal para educal-o, e voltou logo para o Brazil ainda em tenra edade.

---

(1) L. Gonzaga Duque Estrada. Loco cito.

Pobre, dedicou-se á toreutica, e tantos progressos fez que era procurado por todos os artistas do Rio de Janeiro, mormente os ourives e lavrantes que corriam á elle para obterem desenhos e moldes de banquetas, ciriaes, lampadas, custodias, frontaes, salvas, reliquarios e tudo que demandasse luxo e bom gosto.

Talvez fosse Valentim uma das causas poderosas que motivaram aquella barbara carta regia de 30 de Agosto de 1866, que mandou fechar todas as lojas de ourives, sequestrar todos os instrumentos de arte, recrutar todos oe officiaes solteiros, prohibir o officio no Rio de Janeiro e castigar os delinquentes com as penas de moedeiros falsos, porquanto é sabido, e foi sempre constante, que semelhante carta regia fôra lançada em favor de alguns ourives de Portugal, a quem os nossos tiraram o ganho, o que é claro á vista da perfeição das obras de prata e ouro d'aquelle tempo, e das lampadas e mais objectos que se vêem em S. ento, Carmo e Santa Rita, modelados e inventados por Valentim (1)

Fôra elle quem primeiro no Brazil empregou o esmalte no metal, empregando pela primeira vez em um modelo dos apparelhos de porcelana feitos com o kaolim da ilha do Governador, á pedido de D. João Canço, denominado o *chimico.* (2)

O sempre lembrado vice rei D. Luiz de Vasconcellos deo-lhe constantes provas de amizade e apreço; por esse magnanimo vice rei foi convidado para apresentar desenhos para ornamentação do Passeio Publico, que no seu vice reinado fôra creado.

Acceitando o honroso encargo, com o celebre Xavier das Conchas, apresentou os bellos riscos de toda obra architectonica d'aquelle Passeio.

As estatuas de Apollo e de Mercurio, os dous pavilhões do antigo terraço, o grupo dos Jacarés que ainda hoje são admirados, o lindo coqueiro de ferro pintado ao natural, da sua cascata, os diversos passaros pousados so-

---

(1) M. de Araujo Porto Alegre. Loco cito.

(2) L. Gonzaga Duque Estrada. Loco cito.

bre pedras a despejarem agua pelos bicos; e sobretudo, o celebre menino que vôa sustentando um kagado que vomita agua em um barril de granito, tendo a divisa: *Sou util ainda brincando*, são trabalhos d'esse eminente artista, que tanto abrilhantou o governo do referido vice rei. ( )

Infelizmente não existem mais n'aquelle terraço os seus bellos trabalhos de conchas, pennas e escamas.

Ainda são producções suas: o chafariz da rua das Marrecas, com as estatuas de Echo e Narciso, infelizmente demolido, victima como o menino do Passeio Publico da barbara picareta.

Sobre este bello Passeio Publico o sr. dr. Eduardo da Silva Prado, distincto paulista, em seu apreciado trabalho *L'Art*, inserto no *Le Brèsil en 1889*, transcreve uma bonita descripção feita em 1772 pelo viajante inglez Barrow. Esse illustre viajante depois de ter dito que aquelle Passeio era formado de pequenos bosques, canteiros com verduras, alamedas etc, descreve o seu magnifico terraço na parte baixa do jardim, que domina o porto, offerecendo uma vista encantadora de suas margens.

Nas duas extremidades d'este terraço acha-se um pavilhão bellamente edificado, cujas paredes internas são revestidas de pinturas.

Os quadros de um d'esses pavilhões representam vistas destacadas de alguns lugares do porto; o tecto é ornado de *croisées* executados com conchas, e no contorno. A cornija representa peixes particulares d'essas costas, feitos egualmente de pequenas conchas.

Os lambrequins do outro pavilhão são decorados do mesmo modo, com *croisées*, mas executados com pennas.

Em toda a cornija acha-se representada grande parte de passaros do paiz com as suas proprias pennas.

Nas paredes d'este ultimo vêem-se oito pinturas descriptivas de oito objectos considerados de maior importancia para o Brazil, representando: 1.º Uma vista das minas de ouro e de diamantes. 2.º Uma vista de uma plantação de assucar e de um moinho que moia. 3.º Uma vista da cultura e das preparações do trigo. 4.º Uma vista de plantação de cactus opuntia. 6.º Uma vista de uma

plantação de café. 7.º Uma vista de uma plantação de canhamo, e da manufactura das cordoarias (1)

O chafariz do largo do Paço, que era encimado por uma bella corôa, hoje substituida por uma disgraciosa esphera, quando era mais apropriada a cruz de Christo ou as flechas de S. Sebastião, é obra tambem de mestre Valentim.

Devemos mencionar ainda o seu bello trabalho de entalhamento das primeiras obras da Ordem Terceira do Carmo, que foram terminadas pelo artista Padua, a obra de talha da egreja da Cruz dos Militares, o tecto da mesma egreja, considerado ainda hoje como um primor de arte, o altar mór da egreja do Hospicio, e todos os ornamentos da capella mór da egreja de S. Francisco de Paula. Causam grande admiração as suas bellas lampadas de prata da egreja de S Bento, Carmo e Santa Rita.

Deleita contemplar-se um oratorio original que servia de mesa, quando fechado, e aberto tornava-se taboa de mesa com docel, apparecendo as imagens nos seus nichos. (2)

Foi um mestre de grande talento e operoso. Suas obras são tão importantes que pelos proprios artistas modernos são consideradas productos de um mestre de primeira ordem no estylo burrominico.

A elle refere-se o sr. Barão de Sant'Angelo: «Valentim foi um grande artista, foi um homem extraordinario para o Brazil d'aquelle tempo e para o de hoje, e o seu nome deve ser venerado. (3)

Falleceu em 1 de Março de 1813, deixando por discipulos: José Carlos Pinto, Simeão José de Nazareth e Francisco de Paula Borges. Laureado de um nome immor-

---

(1) Dr. Moreira de Azevedo. Valentim da Fonseca e Silva. Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. 1869. Pg. 235. 2.ª parte.

(2) Voyage a la Cochinchine par les îles de Madére, de Teneriffe et du Cap du Nord, le Brésil et l'île de Java. par johon Barrow. Paris 1807.

(3) M. de Araujo Porto Alegre. Loco cito.

tal, como o poeta latino poderiamos exclamar—*Sublimi vertice sidera feriam.*—

Sahiram d'aquella Escola ainda: M. J. Franco de Carvalho, o miniaturista M. J. Gentil e F. P. do Amaral.

Se nos tempos coloniaes do Brazil a pintura foi bem representada por artistas notaveis, que illustraram a Escola de Pintura Fluminense, a esculptura tambem teve representantos que egualmente honraram as artes.

Foi um notavel esculptor João Vermelho, autor da imagem da V. S. do Amparo collocada em um dos altares da egreja de S. José.

Este trabalho executado com todas as regras esculpturaes muito recommenda o artista. Forão tambem notaveis Domingos da Conceição, Simão da Cunha e Gaspar Ribeiro, autores das esculpturas da egreja de S. Bento, e Martinho de Brito que pintou uma Paixão da egreja da Cruz dos Militares, decorou o altar mór da egreja de S. Francisco de Paula, e compoz o desenho das lampadas de prata massiça das referidas egrejas de S. Bento e Santa Rita. Francisco Pedro do Amaral foi o ultimo representante dos artistas brazileiros, antes da vinda para o Rio de Janeiro da colonia artistica franceza.

Successor do grande Valentim, Leandro Joaquim foi o mais celebre retratista de seu tempo. Com José Leandro, commeçou a aprender Francisco Pedro o desenho; depois continuou com Manoel Dias de Oliveira Brasiliense, e terminou com os novos mestres francezes, pertencentes á colonia artistica franceza, que viera para o Rio de Janeiro fundar a Academia das bellas Artes.

Estreou Francisco Pedro com uma miscellanea no Museu Nacional, offerecida ao ministro Thomaz Antonio, com o fim de ser nomeado substituto da cadeira de desenho.

Intelligente, laborioso e modesto ao mesmo tempo, era pobre, e para ter meios de subsistencia foi trabalhar com o pintor portuguez Manoel da Costa, no theatro de S. João.

Mais tarde, foi ainda trabalhar no mesmo theatro

com o pintor e architecto Italiano Argenzio. Foi ainda trabalhar com José Leandro e com Francisco Ignacio.

Perseverante em seus estudos, chegou a copiar os arabescos de Raphael e as composições de Percier. Foi auctor de muitos paineis.

Alem de pintor, foi tambem dourador, architecto, estucador, scenographo e paysagista. (1)

De par com estes afamados pintores e esculptores, appareceram tambem alguns gravadores de talho doce, como Roberto Eloy de Almeida, que copiou o retrato de Pope gravado por Holloway, copia feita em 1810, e impresso na obra—*Ensaio sobre a critica de Alexandre Pope, traduzido em portuguez pelo conde de Aguiar, Rio de Janeiro. 1810.* (2)

Com a pintura, esculptura e demais artes, progredio tambem no Rio de Janeiro a architectura.

As ermidas de páo a pique foram pouco a pouco sendo substituidas por bellas egrejas, como a Cruz dos Militares, que se distingue pela linha exterior da mais bella architectura, a de S. Bento em que se admiram interiormente verdadeiros primores de estylo barrôco.

Em 1735 commeçou a ser erigida a soberba egreja da Cruz dos Militares, em granito do Rio de Janeiro, sob os planos do general Sá e Faria, auctor da fachada da cathedral de Buenos Ayres.

Em 1751 o governador, depois vice rei Gomes Freire de Andrade, mandou construir o magnifico aqueducto, que liga as montanhas de Santa Thereza e Santo Antonio, soberbo aquario de estylo romano, infelizmente profanado por uma desgraciosa linha de bonds electricos, e por uma serie de casinholas bizarras, que vieram destruir as suas duplas arcadas ;

---

(1) M. de Araujo Porto Alegre. Francisco Pedro do Amaral. Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. 1856. Pag. 575.

(2) M. de Freycinet : Voyage autour du monde sur les corvettes L'Uranie et la Physicienne. Paris 1825. Vol. I pag. 215.

A egreja da Candelaria do Rio de Janeiro, que já é um primor artistico, na qual são admirados os bellissimos paineis do talentoso artista Zefirino Costa; os prophetas de tamanho natural, de um tom fresco especial, de um colorido tão expressivo que parecem ter sido copiados do original;

David com a sua harpa, só falta dedilhal-a, só falta arrancar sons, para serem apreciadas as suas bellissimas melodias;

Os paineis do tecto do corpo da egreja, dos retabulos lateraes, e tantas outras composições que enaltecem deveras esse magestoso templo.

Se da pintura passarmos a estudar a sua rica esculptura, é merecedor dos maiores encomios o operoso e distincto engenheiro Dr. A. de Paula Freitas. Todos os altares revestidos de marmore de variegadas côres, de um estylo elegante e mixto, correspondem certamente ás actuaes bellissimas pinturas e esculpturas, á riqueza e gosto da sua antiga e bella architectura exterior.

O conjuncto d'esses primores artisticos contribue para tornar esse sumptuoso templo o primeiro e mais imponente da America do Sul.

Essa egreja commeçou a ser edificada em 1775, segundo os planos do General Roscio.

Como diz o Sr. Dr. Eduardo Prado, em seu citado luminoso artigo, *L'Art*, a arte dos jardins, em um clima quente e rico de vegetação, devia ser mais do que nunca o complemento da architectura.

Entretanto sacrificou-se pouco a sombra aos effeitos da perspectiva, que são encantadores.

. . . .

Não foi só no Rio de Janeiro que as artes tiveram um tal ou qual desenvolvimento; na Bahia foram tambem ellas representadas com certo brilhantismo.

Sobresahiram o pintor José Joaquim da Rocha, que pintou as cupolas das egrejas da Conceição da Praia, de Nossa Senhora da Palma, e outros. Seus discipulos Antonio Pinto, Antonio Dias, Lopes Marques, Nunes da Matta, Souza Coutinho, José Theophilo de Jesus e Antonio

Joaquim Franco Vellasco deixaram preciosos trabalhos, que muito os têem recommendado.

....

A rica e hospitaleira provincia de Minas Geraes, tambem foi o berço de artistas notaveis como o illustre padre José Joaquim Viegas de Menezes, que alem de ter sido um profundo conhecedor da arte Typographica, e de ser o glorioso fundador da imprensa mineira, foi tambem gravador e pintor de grande merecimento.

O seu quadro de S. João Baptista, os retratos do Bispo de Marianna D. José da Santissima Trindade, do Bispo de S. Paulo D. Matheus, de Fr. José Mariano da Conceição Velloso, do governador Manoel de Portugal e Castro e de outros, são composições que attestam o bom gosto, fiel execução, e conhecimento perfeito dos principios os mais rudimentares da arte de Velasques.

Entretanto a arte mineira não correspondeo ao valor das obras estimaveis das suas lettras, apezar das ricas egrejas construidas pelos jesuitas, magnificamente douradas e decoradas com estatuas polychromas.

Os viajantes que percorreram o Brazil em investigações scientificas, durante a residencia de D. João VI em sua colonia, fazem ligeiras referencias artisticas.

O sabio Augusto de Saint Hilaire conta que o palacio do governador em Villa Rica, era decorado de pinturas nas cornijas e de tectos apainelados. As vivendas dos ricos proprietarios, apezar de pouco guarnecidas de moveis, concentravam comtudo o comforto nas camas de cortinas e colchas adamascadas, e nos macios lençoes bordados de renda.

O gosto artistico era revelado nas grandes figuras e arabescos pintados nos tectos, que condiziam com as portas de hombreiras imitando marmore. (1)

Entretanto, esse florescente Estado foi o berço de pintores e esculptores notaveis: o estatuario Antonio José

---

(1) Dr. Oliveira Lima. Aspectos da litteratura colonial brazileira.

da Silva, alcunhado o—*Aleijadinho*, o pintor José Joaquim da Rocha, que deixara a sua terra natal, retirando-se para a Bahia, onde celebrisou-se e fundou uma Escola Artistica, da qual sahiram famosos artistas, e Valentim da Fonseca, o insigne esculptor e cinzelador, que tantos e tão preciosos trabalhos executou no Rio de Janeiro.

Refere o sabio naturalista francez Augusto de Saint Hilaire que a egreja da cidade de Caeté, em Minas Geraes, era um monumento notavel pela sua antiguidade e opulencia. Dedicada a Nosso Senhor do Bom Successo, foi começada em 1818, tendo se expendido até essa epoca 112:000 cruzados.

Construida de pedra, é bastante elevada; sua nave é muito larga, conta 47 passos do altar mór á porta da entrada; os seus altares lateraes têem uma direcção obliqua; a balaustrada que cerca a nave e a separa do sanctuario é de jacarandá preto, á imitação de ebano.

Sobre a porta de entrada ha uma tribuna vasta. A sachristia tambem espaçosa é muito aceiada.

Toda a egreja é bem illuminada por doze janellas, e decorada de dourados, de muito bom gosto. As pinturas na abobada e as estatuas dos santos dos altares são as melhores que se pode imaginar. [1]

Refere ainda o mesmo illustre sabio que a egreja da villa de Nossa S. da Conceição da Barra, S. João de El Rei, em Minas Geraes, não é somente decorada de dourados, mas tambem de pinturas superiores ás que se viam n'essa epoca (1821) nas egrejas do campo, em França. (2)

Apreciando Saint Hilaire uma procissão n'aquella cidade, diz: os vestuarios convinham aos personagens que estavam revestidos, as suas côres eram frescas, as suas figuras bem esculpidas, e tanto mais admiraveis quanto os seus artistas não se serviram de bons modelos. (3)

---

(1) Auguste de Saint Hilaire. Voyage dans le district des diamants. Vol. I pag. 134.

(2) Auguste de Saint Hilaire. Voyage aux sources de Rio S. Francisco. Vol. I pag. 134.

(3) Auguste de Saint Hilaire. Loco cito.

Em sua viagem scientifica pelo Estado de Minas Geraes, aquelle eminente botanico, dotado de um atilado espirito observador e descriptivo, não se descuidou da parte artistica. De todos os naturalistas estrangeiros que viajaram o Brazil, Saint Hilaire é o unico, que intercorrentemente em suas obras, refere-se ás artes com certa minuciosidada.

Em Sabará visitou elle, a egreja de Nossa Senhora da Conceição, considerada a mais antiga d'aquella cidade.

Decorada de dourados em profusão e gosto, os lados inferiores são guarnecidos de capellas, e as arcadas que as separam do côro, são ornadas de esculpturas gothicas douradas.

Cada lado do côro decorado de tres quadros, representando assumptos da vida de Jesus Christo, pinturas magistralmente executadas, e talvez attribuidas ao artista que pintou a egreja de Ouro Preto em Villa Rica. (1)

Em Goyaz o sabio naturalista apreciou a egreja de Jaraguá, que era de muito gosto. No mesmo Estado, em Santa Luzia e Meia Ponte, elle vio moveis e prata lavrada muito bem trabalhados. e teve occasião ainda de admirar quadros de flores tão perfeitos que não deveriam ser desprezados pelos bons desenhadores francezes da historia natural. Esses quadros que ornavam as paredes da sala do cura de Meia Ponte eram devidos a um homem que nunca tinha sahido de Villa Bôa. (2)

Na casa do commandante da Villa do Bom Fim, n'esse mesmo Estado, Saint Hilaire ouvio musicos que deveriam representar na Opera d'esse dia. e teve mais uma occasião de verificar o gosto natural dos brazileiros pela musica.

Para o auctor da «Voyage à Rio Grande do Sul.» a capella do Viamão, no referido Estado do Rio Grande do Sul, foi a melhor por elle observada, desde S. Paulo até essa localidade.

Em belleza e perfeição não vio melhor. A regular-se

---

(1) Auguste Saint Hilaire. Voyage dans le district des diamants. Vol. I pag. 161.

(2) Auguste de Saint Hilaire. Loco cito. Pag. 199.

por esse templo, pode-se declarar que o sentimento das artes é mais natural nos brazileiros do que entre os francezes, e que se elles as cultivassem, custaria menos trabalho e esforço. (1)

Assim pensa esse illustre naturalista, ao contemplar tão sumptuoso templo.

A egreja de Nosso Senhor do Bom Jesus de Mathosinhos em Congonhas, Minas Geraes é, como observa Luccoch—a Nossa Senhora de Loreto da Italia. E' construida no alto de um morro, no meio de um terreno cercado de um muro, no qual existem estatuas, que denotam terem sido feitas por um artista de talento natural e excepcional.

Preparados com steatite, segundo Luccoch, representam os prophetas, e segundo Pizarro scenas da Paixão.

Pequena, rica e muito aceiada, aquella egreja é bem decorada de muitos quadros feitos em Villa Rica, dos quaes se destaca principalmente o do altar mór, representando Jesus Christo morto.

Sobre esse altar existem pequenas banquetas ornadas de anjos empunhando archotes. A sua sacristia é espaçosa e bonita.

Um pouco abaixo d'essa egreja, na rampa do morro, foram edificadas tres capellas, das quaes em 1818 só uma estava acabada. N'ella viam-se estatuas de madeira pintadas, de tamanho natural. (2)

O sabio Augusto de Saint Hilaire, que tambem percorreo o Estado de S. Paulo, diz que a egreja de Nossa Senhora da Candelaria, em Itú, é decorada com gosto e conservada com apurada limpeza.

Com uma extensão de 57 passos de comprimento, tem de cada lado da nave dous altares, alem de outros collocados obliquamente, na entrada da capella mór, com columnas bem torneadas e douradas.

O seu tecto é pintado de bellas pinturas por um artista, que apezar de não ter tido escola nem bons mo-

---

(1) Auguste de Saint Hilaire. Voyage à Rio Grande do Sul. Pag. 21.

(2) Augnste de Saint Hilaire. Voyage dans le district des diamants. Vol. 1 Pag. 204.

delos, demonstra comtudo qualidades admiraveis. Em Itú existem outras egrejas recommendaveis, como a do Carmo e a de Nossa Senhora do Patrocinio.

Esta, a mais bonita de todas, é muito bem decorada. e preparada com gosto. Muito limpa e fresca, a sua nave é inteíramente plana, sem balaustradas lateraes.

A capella mór tem duas ordens de assentos dobradiços, e é encimada por uma pyramide alta dourada, composta de duas ordens de pequenas banquetas, terminada por uma figura dourada representando o cordeiro paschoal.

N'essas banquetas existem candelabros dourados, muito proximos uns dos outros, e de um effeito admiravel. (1)

A pintura commeçou a apparecer no Brazil, durante o dominio hollandez, nos seus Estados do Norte. N'essa epoca o famoso batavo Franz Port de Harlem, que accompanhara ao Brazil o conde Mauricio de Nassau, conjunctamente com o seu patricio A. Vander Echmont, pintaram paisagens tropicaes, de assumpto puramente americano, executadas pela primeira vez no Brazil. (2)

Nos tempos coloniaes, porem, a arte foi exclusivamente cultivada pelas ordens religiosas, que enriqueceram o interior das suas egrejas com bellissimas ornamentações douradas.

Em Pernambuco, não tratando do canto e da poesia, tão habituaes aos indios, e que por elles foram cultivadas com tanta admiração, as demais artes tiveram do mesmo modo um certo desenvolvimento nos tempos coloniaes do Brazil.

O collegio dos Jesuitas, os conventos do Carmo, de S. Bento e de S. Francisco em Olinda, as egrejas da Mizericordia e da matriz do Salvador, hoje Cathedral, são magnificos monumentos que attestam o progresso das artes mechanicas e officios d'aquella epoca. (3)

---

(1) Auguste de Saint Hilaire. Voyage dans les provinces de Saint Paul e Ste Catherine. Vol. I Pag. 344.

(2) Dr. Eduardo da Silva Prado. L'Art. Le Brésil en 1889 Pag. 517.

(3) Dr. F. S. Percira da Costa. Bellas Artes em Pernambuco.

As construcções particulares e obras publicas tambem progrediram.

Havia em 1585 um cargo especial denominado *Mestre das obras do Rei*, que foi exercido por Manoel Fernandes.

No começo do seculo XVIII, refere o Sr. Dr. Oliveira Lima, era notavel o luxo das egrejas, tendo a ostentação sobretudo ganho a casa dos Jesuitas, o maior e melhor edificio da cidade, cujo templo fôra levantado com o marmore europeo, e cuja sacristia merecia unanime admiração, já pelo custoso tecto de jacarandá e soberbos armarios de preciosas madeiras embutidos de marfim e tartaruga, já pela delicada obra de tartaruga que revestia as paredes e telas de alto merecimento que aformoseavam o lugar. (1)

As egrejas da Sé e as dos mosteiros dos carmelitas, benedictinos, capuchinhos e as outras ordens religiosas, se não puderam rivalisar no explendor e gosto com a dos jesuitas, comtudo erão notaveis pelos seus lindos trabalhos de talha dourada.

As artes de ornato e de decoração, pintura, a talha, os dourados, e a alta marcenaria, que só foram executadas nas egrejas, commeçaram a apparecer durante o dominio hollandez.

O principe Mauricio de Nassau, amigo das sciencias e das artes, trouxe comsigo da Hollanda sabios e artistas, seguindo-se a estes outros, que vieram fundar em 1639 a bella cidade da Mauricea, hoje cidade do Recife, uma das mais lindas e florescentes do Brazil. A residencia de Vriburg, o vistoso palacio da Boa vista, com torreões angulares, alem de outros sumptuosos monumentos, foram construidos rapidamente. (2)

Não menos incremento tiveram as artes liberaes e officios.

---

(1) Dr. Oliveira Lima. Aspectos de litteratura colonial brazileira. Pag. 96

(2) Dr. F. A. Pereira da Costa. Loco cito.

A musica foi tambem cultivada; executada á principio pelos regimentos hollandezes, mais tarde desenvolveo-se o gosto pelos pernambucanos, que começaram a celebrar as festas e actos religiosos com *boa orchestra*.

O theatro tambem não foi descuidado; deixou-se de representar no adro das egrejas ou na sombra das florestas, para funccionar em estabelecimentos particulares.

Podia-se estudar, refere o sr. dr. F. A. Pereira da Costa, em sua excellente memoria sobre as *Bellas Artes em Pernambuco*, as bellas artes no elegante e sumptuoso palacio de Vriburg.

Os seus vastos salões e apozentos, continúa o illustrado auctor da referida memoria, eram guarnecidos de moveis de bom gosto, preparados com madeira do paiz.

As suas paredes ornadas de lindissimas paizagens pernambucanas, de indigenas de tamanho natural, e de animaes e plantas, pintadas por artistas intelligentes, davam a esta luxuosa residencia um aspecto deslumbrante.

O conde Mauricio de Nassau tinha uma affeição particular pelas artes. As tradições da sua terra natal haviam-no educado n'este culto respeitoso, diz o sr. dr. Oliveira Lima; elle proprio era dotado de uma intelligencia brilhante.

Adorava os edificios, os quadros, as esculpturas. Fez este distincto governador geral, da ilha de Santo Antonio o centro da cidade, ligando-a, como é, por meio de pontes, aos elegantes bairros da Bôa Vista e Recife.

Na ilha mandou construir os seus dous palacios, de uma architectura muito elegante.

Afastando-se do estylo gothico, procurou conciliar a esthetica com a bôa accommodação, preoccupando-se principalmente com o conforto e a independencia.

Com duas altas torres, que se ergueram entre palmeiras, era esta imponente casa rodeada de um sitio com centenares de coqueiros, larangeiras, bananeiras, romanzeiras, videiras, castanheiras e outras arvores de fructo, horta, pombal, collecções zoologicas e viveiros de saborosos peixes.

«No meio d'aquelle areial esteril», refere Fr Manoel

Calado, (1) «e infructuoso plantou um jardim e todas as castas de arvores e fructos, que se dam no Brazil, e ainda muitos que lhe vinham de differentes partes, etc. Tambem poz alli todas as castas de aves e animaes que pôde achar etc» Em um jardim de tão preciosas collecções encontravam as sabios e artistas materia para seus estudos e pinturas.

Alem de fino epicurista, diz o sr. dr. Oliveira Lima, Mauricio de Nassau sentia-se bem no Brazil, porque ficara enamorado da terra.

Fascinava-o a natureza tropical. O palacio de Vryburg era ornado de dezenas de quadros, que depois foram transportados, para Mauritahuiz da Haya.

A casa de Vryburg não destoava do excellente jardim; em vez de tapeçarias flamengas viam-se grandes telas de Post, que apresentavam em tamanho natural: « os homens e os mais notaveis individuos da fauna e da flora do Brazil».

Em lugar dos moveis delicadamente entalhados, cinzelados, como preciosidades de ourivesaria, dos bahús de coiro e missanga, dos cofres de cobre, com encrustação de madreperola, viam-se cadeiras, mesas e consolos feitos de marfim da costa d'Africa, e de madeira do Brazil.» (2)

Que bellos tempos, como diz Barlaeus: *Pulchris aedibus templisque conspicua.*

E' pena que todo esse desenvolvimento artistico fôsse tão destoado pelo procedimento de perseguição que fizeram os hollandezes á nossa Santa religião, e á seus respeitaveis ministros, pelas maldades e deshumanas crueldades que executaram, durante a sua dominação em Pernambuco, obrigando os portuguezes a trabalhos e perseguições vergonhosas. Todo esse triste quadro é magistralmente pintado pelo habil painel do monge benedictino Fr.

---

(1) Fr. Manoel Calado. Valeroso Lucideno.

(2) Dr. José Hygino Duarte Pereira. Relatorio apresentado depois da sua viagem á Hollanda.

Raphael de Jesus em seu Castrioto Lusitano, livro V, pag. 153.

Todos os escriptores, que trataram do Brazil no seculo XVI, são concordes em declarar que, n'essa epoca, Pernambuco era a mais adeantada das capitanias, não só na cultura e producção das suas terras, como na polidez dos costumes e conforto da vida.

Assim refere Gabriel Soares de Souza, nos eu *Tratado descriptivo do Brazil*, escripto em 1587; e o padre Fernão Cardim diz tambem que em Olinda as casas eram numerosas, tendo já perdido a miseravel apparencia das primitivas palhoças, defendidas por palissadas e fossos. (1)

O seu luxo consistia nos vestuarios de bellos tecidos de seda simples, adamascada ou aveludada, nos cavallos de preço, ricamente ajaezados, palanquins e liteiras, etc. Não desprezavam comtudo o adorno das habitações, agasalhavam os hospedes, não em redes indigenas, como refere o padre Cardim, mas em leitos de damasco carmesim, franjados de ouro, e ricas colchas da India.

Infelizmente não podemos apreciar thesouros tão bellos. O principe Mauricio de Nassau, retirando-se para Hollanda, levou-os comsigo, offertando uns, vendendo outros, e conservando um certo numero.

Desembaraçado dos hollandezes, começou Pernambuco a restaurar as ruinas occasionadas durante tão encarniçada luta.

Ainda hoje são admirados os lindissimos trabalhos de esculptura e pintura executados na capella mór das egrejas de S. Bento, do Carmo e da Mizericordia, e da egreja de Santa Thereza. E' tambem digna de nota a cathedral, cuja egreja é dividida em tres naves, por arcarias sobre columnas de um bellissimo aspecto. (2)

Não menos interessantes são os trabalhos de talha, em jacarandá, dos moveis e ornamentações das sacristias das egrejas de S. Francisco e de S. Bento.

---

(1) Dr. M. Oliveira Lima. Loco cito.
(2) Dr. F. A. Pereira da Costa. Loco cito.

Que impressão agradavel produz a elegante egreja da Madre-Deus na freguezia do Recife!

De um gosto artistico primoroso, o seu sumptuoso altar mór é de um effeito admiravel. A decoração dourada do seu tecto, as suas bellas columnas corynthias guarnecidas de festões dourados e de anjos, a graciosa cupola do altar mór, tudo contribue para dar-lhe um aspecto encantador.

Não menos imponente é a sua sacristia. N'ella se admiram os quatro contadores lateraes de jacarandá, embutidos na parede e guarnecidos de bellos entalhamentos em arabescos. A sua preciosa commoda da mesma madeira e estylo que os contadores, destinada a guardar as alfaias e os aparamentos religiosos, é tambem de um gosto delicado.

Se da marcenaria passarmos á esculptura, admiraremos o seu formoso tecto e sobretudo o seu interessante lavatorio, magnifico trabalho de talha, que prende logo a attenção do expectador.

A egreja do Carmo, com uma fachada de pedra e torre de uma elevação elegante, com as suas bellas capellas lateraes, é um dos mais importantes templos do Recife.

São egualmente primores de architectura as egrejas de S. Pedro, de nave octogonal, lindissimas talhas e elegante fachada de pedra, e a da Conceição dos Militares, admiravel pela sua esculptura ornamental de madeira, pelos seus lindos altares, capella mór e tribunas, e pelo entalhamento que contorna a nave, em forma de varanda, com figuras e ornamentações admiraveis. (1)

Nos reinados de D. João IV e de D. João V, o gosto pela musica em Pernambuco chegou ao apogêo.

O sr. dr. Pereira da Costa no seu referido trabalho (2), nos conta que n'esse tempo faziam-se ceremonias religiosas tão deslumbrantes em Lisboa, como em Roma; e que toda essa animação vinha reflectir no Brazil.

---

(1) Dr. F. A. Pereira da Costa. Loco cito.
(2) Dr. F. A. Pereira da Costa. Loco cito.